



## TRIBUNA DE COIMBRA

# Sabedoria do Alto

**A** NDO na maré dos peditórios. Julgo-me o mais feliz dos padres... Talvez nenhum como nós Padres da Rua, do Padre Américo, tenha tão gratificante oportunidade de anunciar o Evangelho. Às vezes, vou a tremer. Ando magoado. Levo comigo dezenas de vidas que me estão confiadas e que são um mistério de dor e de alegria, de morte e de ressurreição. Os rapazes, os gaiatos! As pessoas sabem bem que o assunto não é só dinheiro; que nem isso constitui a matéria principal do «sermão». Depois no Altar, bem junto dele, vem o sopra,

a inspiração, a dor e a alegria — e o medo vai-se. Os meus olhos acompanham o pulsar dos corações ouvintes, sedentos da Palavra divina. Percebe-se que quem escuta, reage intimamente e a Palavra corre como alimento. Sim, a Obra da Rua é, para muitos dos participantes da Eucaristia, palavra que vem do Alto, expressão da novidade que é Jesus. Somente Ele impele as nossas vidas. E nós, com Ele, absolutamente desprendidos de tudo o mais. «Padre, tome lá... veja quanto tem a caderneta... escreva lá 15 mil. Estou

para mudar de casa. Deus está-me a chamar para lá...» Assim desabafava alguém, depois de tomar conhecimento de doença fatal. Um diagnóstico médico interpretado com a sabedoria do Alto. Naquele Domingo a Palavra Viva denunciava a insensatez que constitui o apego excessivo aos bens deste mundo: «Vede bem e guardai-vos de toda a cobiça: Não é por alguém ter em abundância que a vida lhe depende dos bens...» O nosso mundo perdeu esta sabedoria do Alto, que o Salmista, tão eloquentemente, nos recorda: «Ensinai-nos, Senhor, a contar os nossos dias para chegarmos à sabedoria do coração...»

Esta sabedoria está sempre presente na Palavra que pregamos. É por ela que vamos. É ela que sugere a partilha dos bens e dos corações.

Padre João

## MOÇAMBIQUE

# 16 de Julho

**F** OI um dia feliz e festivo nesta Casa do Gaiato, como assinalou o Ambrósio na sua crónica. Tínhamos combinado surpreender a todos, anunciando visitas importantes para eles nesse dia. Celebração com cânticos bem ensaiados, danças adequadas na entrada, Evangelho, Ofertório e Acção de Graças, à responsabilidade dos chefes de cada casa. Os nossos trabalhadores tinham o seu almoço melhorado, ao meio-dia; e os alunos externos da tarde, que quanto podemos associamos às datas importantes do nosso viver, estariam presentes.

Mesas suplementares no refeitório preparadas com a melhor loiça, ementa rica e saborosa, vinho ou cerveja à medida, como nos grandes acontecimentos que aqui temos vivido. Os rapazes esmeraram-se sem saber mais do que ser dia de Pai Américo.

Antes das quatro da tarde, chegou um grupo de trinta rapazes saídos desta Casa. Uns da cidade, outros dos arredores, uns ainda a estudar, outros já a trabalhar, outros, poucos, nem uma coisa nem outra, e até foi preciso arranjar melhor roupa e mandá-los tomar banho. Às quatro da tarde todos estávamos na Capela. Cheia, como é bela a Eucaristia! Toda ela foi centrada no Cristo Pobre e sofredor que se manifestou ao Pai Américo no Pobre das barracas, das mansardas de

Coimbra e do Barredo do Porto, e o tornou um apaixonado da sorte dos mais pequeninos e pedinte do pão dos Pobres. Evocámos a grande Família da Obra da Rua de que Pai Américo foi raiz e tronco, árvore frondosa alimentada pela sua riqueza espiritual e agora sobrenatural também.

Descemos para o jantar. As mesas dos visitantes com flores colhidas pelos rapazes no jardim de suas casas, o colorido das loiças e das garrafas, o cheirinho da comida, completaram a intimidade do acolhimento que foi dado a estes rapazes, alguns deles saídos daqui com preparação insuficiente, outros com a décima concluída. Por isso, quantos quiseram falaram da sua vida após a saída. Alguns tiveram receio de dizer aos mais novos o que os levou daqui tão cedo. Outros encararam a precipitação do mau passo que deram. O cronista do dia foi o que melhor se expressou, dando contas aos companheiros do que é a vida na cidade, no meio de tanta corrupção e falsidade. Disse ele: «Tenho a certeza de que Deus criou tudo com Amor, porque a Casa do Gaiato nos ensina e ensinou que Deus é Amor e faz tudo por amor. É por amor de Deus que esta família existe. O mundo se esqueceu de Deus, substituindo-o pelo dinheiro que infamou a humanidade e mudou a cabeça das pessoas. Com o dinheiro, a morte, o roubo e a desonestidade passaram a ser filmes verdadeiros para enriquecer televisões e jornais. Na sociedade de hoje ter muito dinheiro é uma das virtudes, ou um milagre. Os ricos compram a justiça, até mandam nos que gastaram anos a estudar Cursos de Direito, até mandam nos Órgãos de Justiça; com o dinheiro se sentem a cima e fora da lei». E por aí fora: «Hoje em dia a Igreja, a religião

Continua na página 3

## CALVÁRIO

# Renascer

**O** S pais foram condenados a vinte anos de prisão. Ele, com três de idade e ao colo da mãe, foi igualmente obrigado a recolher à cadeia. No exterior desta, alguém apiedou-se do pequeno e levou-o para casa. Este foi crescendo, tomou asas e voou para uma vida errante. Poisou em muitos prados, mas as ervas eram daninhas e fizeram-lhe mal. Andou sem rumo durante larga temporada. Começou a beber e lentamente degradou-se. Sofreu um acidente de viação e foi hospitalizado. Recuperado, regressou ao barraco onde vivia sem vida certa. Causando pena aos vizinhos, estes suplicaram guarida.

Entrou no Calvário apoiado em duas canadianas.

Vendo que parecia estranhar o novo meio quis aferir as disposições do novo hóspede. E ele foi peremptório:

— Quando estiver bom quero voltar para o meu barracão.

Respondo-lhe prontamente:

— Então volte já pelo mesmo caminho.

As canadianas tremeram. O nosso homem calou-se e passados uns momentos desabafa em tom mais moderado:

— Ai, sr. Padre, que eu já estava a ficar branco.

Aterrou. Semanas depois largou os apoios. Tive receio de que ele se ausentasse, mas não: começou a gostar de estar.

E hoje é um homem feliz. Sente-se «fidalgo». Anda satisfeito como poucos. Encontrou-se.

— Eu só bebia para esquecer.

Beber era a maneira de não tomar consciência do seu viver. Agora sente-se acolhido, seguro e estimado. Ocupa-se nos jardins e demonstra muita habilidade para o trabalho.

Preencher o tempo com coisas úteis é o começo de uma verdadeira recuperação. Não basta dar alojamento completo. O homem tem mais necessidades. E uma delas, a que mais fortemente o ajuda, é dar-se, saber que pode ser útil, que outros carecem da sua ajuda. E aqui em Casa muitos são os que reclamam cuidados.

Só recebendo, não preenche o homem. Por isso, damos oportunidade a cada um de dar um pouco de si mesmo aos outros e assim ir revelando as capacidades adormecidas.

No dia em que alguém pára de se dar, começa a contagem para o fim. Talvez por isso o nosso mundo egoísta definha. Mas, mesmo no outono da vida, quando alguém começa ou recomeça a dar-se, inicia a primavera da vida.

Padre Baptista

# Momentos

**F** OI numa destas manhãs de fim de Julho. Por compromissos assumidos no Sul, dormi na nossa Casa de Setúbal.

Ao encontrar os rapazes, as perguntas sobre o meu estado e o deles, ressaltam com a naturalidade que o afecto espicaça.

O «Cocas», que criei desde pequenino, após as primeiras palavras de afeição, vem com este desafio:

— O senhor já viu as nossas batatas?

— Mas porquê?

— Venha ver.

Abriu-me a porta e guiou-me ao celeiro...

— Venha ver as prateleiras. Olhe que abundância e que grandes!

O rapaz espumava de gozo e de alegria, mostrando os frutos da sua colheita. O tamanho dos tubérculos, o seu elevado calibre e a quantidade de prateleiras atulhadas até mais não, também me espantaram e, para o arrefecer de tanto entusiasmo, fui-lhe dizendo que aqui, em Paço de Sousa, também as batatas foram muito boas e com fartura.

Mas não. O Fernando cada vez se exteriorizava mais, exigindo que eu compreendesse a razão do seu entusiasmo. Lá fui abrindo os olhos, dando-lhe os parabéns e correspondendo, quanto podia, ao seu júbilo.

Dentro de mim ardia outro arrebatamento mais exuberante que o dele. Ele é que era a minha colheita. Sim, a minha colheita!...

Criado em nossa Casa, enraizado e possuído nela, sentia-a de forma tão exaltada e tão real que me enchia de felicidade.

O «Cocas» estudou e é chefe maior desta Comunidade.

Mas aonde é que vamos encontrar um método educativo mais apto, para fazer homens, do que o nosso?

Quem é que por esse mundo de crianças e jovens sem-família é capaz de despertar tanta maturidade e enraizamento?

«Venha ver as nossas batatas!» Venham ver o nosso Fernando, o «Cocas», a comandar a Comunidade e a encher-se nela!

Eles são a nossa colheita e o melhor argumento contra quem pretende profanar o santuário de almas que é uma Casa do Gaiato.

\*\*\*

Fui com o Padre Telmo dar as suas voltas ao Nordeste Transmontano, donde ele é natural.

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — O Senhor diz-nos: «Meu filho, minha filha, confia em Mim. Não tenhas medo de nada que vos possa acontecer. Só Eu sou o Senhor. Estou convosco e protejo-vos, embora vos conserve a vossa cruz, porque ela vos é muito necessária, não deixeis que a vida vos preocupe».

Onde está esta confiança no Senhor que Ele nos diz para termos? Será por Ele não nos tirar a cruz de cada dia? Quem somos nós para que à Sua semelhança não carregarmos também a nossa cruz? Ele é o Filho de Deus Vivo, não carregou com a D'Ele?

É também Jesus quem nos diz: «Não tenhas medo. Eu estou convosco». Será que há outro ser tão poderoso no mundo que Lhe possa fazer frente?

Claro que aqueles a quem a fortuna bateu à porta, muitas vezes só Deus sabe como, não querem saber disso. E até momentos há em que se sentem superiores a tudo! Mas, se repararmos bem, esses momentos, são apenas passageiros. Será que esses, quando partem deste mundo, levam os seus bens terrenos com eles?

O Senhor diz: «Nunca tenhas medo. Entrega-te a Mim. Eu quero e posso salvar-te. Se tiveres de pedir durante muito tempo, até durante muitos anos, nunca percas a confiança em Mim. Quando Eu te faço esperar, apenas estou a provar a tua Fé».

Portanto, se temos fé em Deus, como muitas vezes dizemos, porque duvidamos do Senhor? Só porque Ele não atende os nossos pedidos, quando nós queremos?

Não fosse a fé, que o Senhor nos dá, já a nossa Conferência não existiria, pois são grandes as nossas dificuldades.

Ainda na última reunião que tivemos, esteve connosco o nosso Padre Telmo. Como foi gratificante, para nós, a sua presença!... Ele insistiu para que continuemos a lutar e a trabalhar para que a nossa Conferência não acabe.

Vamos continuar a ter confiança no Senhor Deus, e temos a certeza que a nossa Conferência, apesar de todas as contrariedades porque tem passado, continuará de pé.

Na última visita que fizemos aos nossos amigos já não encontramos, neste mundo, a nossa amiga-nha da hemodialise. Quando escrevemos a última das nossas crónicas já dávamos conta do seu mal passar, quando ia aos tratamentos.

Fomos encontrar um dos filhos, que também herdou a doença, sozinho em casa. Perguntámos: E agora como vai ser? Já tem trabalho? — Não!. Foi a resposta. Naquela altura, deixámos a nossa ajuda que estava reservada a sua mãe. Daqui para a frente, não sabemos como vai ser.

Que o Senhor Deus tenha compaixão da alma desta nossa irmã e a receba no Seu Reino, para que possa gozar da felicidade eterna — ela que neste mundo tanto sofreu!

Fomos também visitar a avó dos rapazes que estiveram na Casa do Gaiato. Estava a chegar do Centro de Dia. Mostrou-nos a sopita, que

trazia do Centro e que era para o jantar. Aqui a multiplicação do pão e dos peixes continua a verificar-se. É o milagre do Senhor, pois não sabemos como aquela quantidade de sopa, que mal chega para um, dá para os três. Talvez seja porque neste lar há muita confiança no Autor da Vida.

O Senhor continua a dizer: «Não te preocupes com o que não podes e o que não tens. Aceita todas as limitações, porque Eu cuido de ti e sei dar-te o que precisas». Os mais necessitados dão-nos o exemplo da partilha.

Não deixemos que a vida nos preocupe. Deus vela por nós e atende sempre às nossas necessidades. Mas o que é preciso, é que em todos nós exista o espírito de partilha

Olga e Valdemar

## PAÇO DE SOUSA

**PRAIA** — O primeiro turno já regressou e nunca se viu tanta alegria. A praia já está mais limpa e a nossa casa, que é um «palácio», também. O segundo turno ainda não foi, porque a maioria dos rapazes está nos cursos.

**SALA DE ESTUDO** — Temos secretárias e cadeiras novas. Esperamos que os rapazes melhorem o seu desempenho no estudo, pois têm condições para o fazer.

**CURSOS** — Vão andando e ainda não se vê o fim de nenhum deles. O mais provável é que os da Informática tenham pouco tempo de férias e os da Música não cheguem a tê-las, pois o curso só acaba em Setembro.

**OBRAS** — O campo de ténis vai andando. Não passa um dia sem que os rapazes lá vão para dar uma olhadela.

A casa da eira também está a ser arranjada.

Durante as férias dos mais pequenos, deu-se um arranjo na casa 2 de baixo.

**REGA** — As árvores e os arbustos têm sido regados todos os dias, o que faz com que estejam mais viçosos. As videiras novas foram atadas e limpas de ervas daninhas.

**HORTA** — Temos comido alfaces e tomate. Quanto aos melões, fruto que não vingava na nossa Casa, têm sido uma boa sobremesa. Isto significa que estamos a investir na agricultura.

**15 DE AGOSTO** — É dia de festa grande na Paróquia do Salvador de Paço de Sousa, em honra de Nossa Senhora de Lourdes. Este ano celebra-se o centenário desta Capela. Nesse dia, os rapazes convivem mais e com algum dinheiro que lhes é dado.

**PADRE TELMO** — Já foi para Malanje. Esteve connosco cerca de um mês e foi uma presença alegre. Preparou um contentor para aquela Casa, em Angola, levando bens de primeira necessidade. Esperamos que tenha boa

viagem e que os seus rapazes fiquem felizes com as dádivas dos nossos Amigos.

Durante este tempo, o Padre Carlos, com a sua experiência, esteve na Casa do Gaiato de Malanje. Que tenha bom regresso.

Rolando

**DESPORTO** — Tranquilizar o espírito de cada rapaz, através do Desporto, é uma das nossas preocupações. O Desporto é salutar quando em ambiente saudável, harmonioso e acolhedor. O Desporto deve ser visto como ponto de encontro e de união; nunca através dele, criar situações de discórdia por causa de ideias pouco esclarecedoras e tantas vezes prejudiciais ao colectivo. Andar no futebol, só e por causa dele mesmo, seria para nós uma frustração! Seria o tal vazio que algumas vezes ouvimos falar. Tem sido através do desporto, que muitas vezes descobrimos a riqueza escondida no coração de cada rapaz. É necessário acompanhar os rapazes mesmo fora do futebol e compreender o porquê de certas atitudes no seu dia-a-dia, para depois com ele, como complemento, se tentar indicar o melhor caminho.

Fiquei feliz quando, há dias, o nosso Padre Acílio me dizia: «... estou a lançar novos chefes. Temos que lhes dar oportunidade». E é verdade! É preciso ir ao encontro de cada rapaz para o ajudar a derrubar mazelas de outros tempos. Que ninguém se iluda: não pretendemos trocar o bem-estar dos rapazes pela ilusão de grandes resultados futebolísticos!... Não importa se temos ou não uma equipa recheada de valores a nível de futebol para podermos fazer frente a quem quer que seja. Não pretendemos arranjar desculpas esfarrapadas para satisfazer outros interesses...! Importa, sim, ter um grupo coeso e unido para praticar desporto, para conviver e ter bom relacionamento com todas as pessoas coerentes e de coração limpo. Não estamos convencidos daquela velha mania de que: «eu é que sei». É necessário que através do futebol se transmita amor e carinho; e não se faça dele mesmo, campo de batalha e se tente atrofiar com atitudes pouco sensatas... aquilo que outros tentam construir com tanta dedicação. Somos muitos, mas para o que podemos e devemos fazer, somos muito poucos!

Pai Américo dizia: «Se podermos trocar o garoto sujo e perigoso por um homem útil à Nação, todos se devem interessar no negócio porque a todos eles dizem respeito».

E ainda a propósito do «eu é que sei!» Um dia, vinha eu pela Avenida dos Aliados abaixo, no Porto e estava um homem sentado no banco. Aproximou-se dele um seu conhecido, e disse-lhe: «Eh pá! Que fazes aqui, assim?!» Ele respondeu: «É como vês! Fruto do meu orgulho».

Meu Deus!, «fruto do meu orgulho». O orgulho destrói e mata lentamente!... Eu parei. Fiz de conta que estava a ver as pombas e... depois segui. A vida dá muitas voltas!... Não foi por acaso que o filho de um tal tipógrafo se dirigiu a Pai Américo, quando ele, mais uma vez, passava no Beco do Moreno e lhe disse: «venha ver o

meu pai que está na cama e a gente passamos fome». Pai Américo foi, quando chegou à beira dele, reconheceu-o como sendo um dos que no tão conhecido Beco do Moreno o assobiou... só porque usava batina e dizia Missa. Rapazes, nós nunca sabemos o dia de amanhã, e como sempre, todo o cuidado é pouco. Lá diz o velho ditado: *diz-me com quem andas e eu te direi quem és!*...

Acabou a época 2003/04, e já se avista a de 2004/05. É bom que cada um tenha consciência do papel que desempenha, e saiba respeitar para ser respeitado.

Alberto («Resende»)

## SETÚBAL

**ARRÁBIDA** — Como demos notícia na passada quinzena, um incêndio na Serra da Arrábida fez com que os rapazes perdessem uma semana de férias. Não chegou à nossa casa, nem às suas imediações. O pior de tudo, foi o estado em que ficou a Serra. É, agora, triste vê-la sem árvores, toda queimada no monte onde estão montadas as antenas. Esperemos que não aconteçam mais acidentes destes.

**HORTA** — Temos comido salada com o nosso tomate e alface, que a D. Lurdes e a sua família nos dão ao longo do ano. O David e o Carlos são os rapazes que regam o tomate. É um trabalho que tem que ser cumprido, senão os tomateiros morrem.

O Fernandito, o «Gâmbia» e o «Cowboy», puseram as canas no feijão para este trepar. Daqui a algum tempo teremos feijão com fatura para comermos.

**VACARIA** — Continuam a nascer bezerras. Cada vez valem menos dinheiro, quando precisamos de os vender. Entretanto um vitelo morreu, porque não conseguimos fazer com que ficasse bom. As vacas continuam a produzir muito e bom leite.

**UVAS** — Já comemos das nossas uvas de mesa. São muito saborosas e a produção foi boa. Os rapazes têm respeitado as uvas, o que é muito agradável. É bom deixarmos a fruta crescer e amadurecer para que todos possam saborear o que se produz no nosso campo.

Sérgio

## MIRANDA DO CORVO

**OBRAS** — Já acabaram de colocar as caleiras na casa nova e no Lar de Coimbra. Também caímos os muros do campo de futebol, pintámos o bar e a zona nova. Em breve a padaria ficará pronta.

**RAPAZES** — O Ruben e o Marco foram a França. Uma viagem oferecida pela Câmara Municipal de Miranda do Corvo. Tinha como objectivo premiar os melho-

res alunos. Foi um convívio internacional. Já regressaram, contentes.

O António foi-se embora de nossa Casa. Quis voltar para a companhia da avó, ainda por cima com a mãe doente. Não tarda muito está a avó outra vez com ele aí.

**PRAIA** — O segundo grupo já foi para a praia de Mira. Regressará no dia 15 de Agosto. O Garrim já regressou, pois portou-se logo mal...

**PEDITÓRIOS** — O nosso Padre João já foi à praia de Mira, à Tocha e ao Luso. Domingo irá à Figueira da Foz, onde temos muitos Amigos. O dinheiro dos peditórios faz-nos muita falta para nos governarmos.

**AGRICULTURA** — Os rapazes já colheram a cebola toda; apanharam a batata e, depois, seguiram para a praia. Os que regressaram, andam a cuidar do milho que está cada vez mais crescido.

**TRANSPORTE** — Quando fomos buscar sumos ao Tojal, no regresso, o motor da nossa Ford «gripou». Agora estamos sem carinha, pois a Ford está na oficina para reparação... Mais uma despesa grande.

**EXCURSÃO** — Tivemos a visita de um grupo de Albergaria. Vieram ter connosco à praia e trouxeram, para além de uma boa merenda, roupas, alimentos, chinélos, brinquedos e jogos.

**DESPORTO** — No sábado, dia 7, os rapazes do segundo grupo foram à Pampilhosa jogar futebol. Ganharam por 3-2. Um golo do Zé Carlos e outro do Jorge. No final, tivemos um convívio.

**FOGO** — No dia 7 de Agosto, houve um incêndio no nosso cinzeiro. Os bombeiros vieram logo, prontamente, e ajudaram-nos a apagar o fogo. Não sabemos se foi descuido de um dos nossos rapazes, ou se foi da alta temperatura que se fazia sentir. Felizmente não houve prejuízos materiais nem pessoais.

**CAMPO DE FÉRIAS** — O Tiago foi para um campo de férias da EDP. Está muito feliz por ter participado.

Carlos Matos

## Antigos Gaiatos de Moçambique

**DIA DE PAI AMÉRICO** — Todas as Casas o celebraram. Nós, aqui, em Moçambique, celebramo-lo de uma forma inesquecível, junto dos nossos Pais que tiveram a ideia excelente de juntar os antigos e novos gaiatos e deu felicidade a todos nós, de Moçambique.

Alguns chegaram na sexta-feira, outros, no sábado e também no Domingo devido à disponibilidade de cada um, o que não perturbou a celebração.

Iniciamos com a Missa que nos juntou aos alunos externos e trabalhadores da Casa. Tivemos um jantar de cinco estrelas, acompanhado pelo prato mais caro do país — camarão. Mas como a Casa do Gaiato nos considera e considerou gente, tudo fez para nos sentirmos bem, felizes e amados.

Dormimos na casa dos mais velhos, a vulgar casa cinco, onde tivemos duas noites maravilhosas de sono confortável.

Na manhã de sábado, fizemos a limpeza da casa e os antigos gaiatos ensinaram aos mais novos como se faziam no seu tempo as limpezas.

Depois do pequeno-almoço, a nossa Mãe fez a distribuição dos trabalhos colocando cada mais velho no ramo que sempre ocupou, onde ensinaram aos mais novos como faziam os trabalhos.

Às doze horas, tivemos um almoço à brasileira com feijoada acompanhada de carne de porco, da nossa vara.

A tarde de sábado foi mais recreativa com disputa de jogo de futebol entre antigos e actuais gaiatos, com arbitragem do nosso professor de Educação Física, que os antigos venceram pela margem mínima. Não houve feridos nem brigas, o ambiente foi mesmo católico e autotrófico.

A nossa Mãe assistiu ao jogo e gostou porque não houve sarilhos. No final, tomámos banho e merendámos.

Depois tivemos um encontro com a nossa Mãe numa sala da escola, que nos falou do objectivo do encontro e como havia sido programado.

A seguir foi a Missa só com gaiatos onde, na Acção de Graças, todos dançámos, agradecendo a Pai Américo por ter pensado em nós durante a sua vida.

Depois da Missa tivemos um jantar que foi tão apetitoso e aliciante com temperos dos antigos gaiatos que sempre apareciam a fazer magia das refeições da Casa.

No Domingo fomos à Missa com a Comunidade Padre Américo.

No fim tivemos um encontro com o nosso irmão mais velho Luís António Mabunda que nos deu conselhos e teve a ideia da fundação da Associação de Antigos Gaiatos, o que faltava na nossa Casa e a ideia foi aprovada por todos e foram escolhidos os elementos para os órgãos sociais.

Tivemos outro encontro com o nosso Pai que nos falou dos perigos que a vida tem, das dificuldades que a Casa tem enfrentado e pela falta de algumas cousas e pela falta de interesse do governo pela Obra da Rua.

Depois do encontro tivemos um almoço acompanhado pelo frango da nossa farma.

No fim do almoço, os antigos gaiatos dançaram e fizeram teatro, despedindo-se e agradecendo aos Pais pela ideia que tiveram de nos juntar com os mais novos para celebrar o dia de Pai Américo.

Tiraram fotografias em frente à nossa Capela, com o nosso Padre José Maria e foram levados para casa, no carro da Casa do Gaiato, por um dos irmãos mais velhos, o António.

E assim foi celebrado o dia de Pai Américo e da Obra da Rua, em Moçambique.

Ambrósio

## MALANJE

## O dia-a-dia

TIVE a alegria de reencontrar o casal Taveira Leite, professores no Liceu de Malanje e do tempo colonial. Exemplos vivos de amor aos alunos — africanos e europeus. Igualmente fui testemunha do respeito e carinho de todos os alunos pelos seus professores — pérola rara e escondida nos dias de hoje!

O Dr. Taveira, o Dr. Isaac e tantos outros foram ponte entre duas margens que a ambição e vistas curtas de muitos arrasaram. O rio continua a correr — esperemos novas árvores e bons frutos.

Presente no meu coração, como a suavidade de uma flor, toda a ternura que a

família Taveira dá, em cada dia, a uma filhinha deficiente profunda. «É o nosso anjo!, a ela devemos a união e a alegria da nossa família!» — desabafou, um dia, o pai Taveira. Pais e filhos unidos e bafejados por este laço comum que a menina, inocente, mantém em chama viva.

ESTÁ quase pronto o nosso contenedor: roupa, calçado, chouriço, feijoado e leite... Ajudas de tantos Amigos com a alegria do Padre Acílio a querer que levemos tudo e a escolher o melhor.

O Quim, aflito, veio dizer que já passava

do peso oficial. Foi preciso uma muleta de arena para meter o calçado.

Preço da Agência e transporte, arrancá-lo aos ingleses no Porto de Luanda e, o transporte para Malanje por estrada esburacada... Uma maratona e manada de euros! Mas, por fim e à chegada, é um brilho intenso nos olhos dos nossos gaiatos — com a sua desova: Caixas e caixas, sacos e sacos, latas e latas de fresca conserva e, até, desta vez, sacos com semente de soja!

É a cana de pesca. Vamos semear um grande campo. Mais, no bolso, um cheque de um santo Sacerdote para comprarmos umas vacas leiteiras. É outra cana. O caminho certo e definido por Pai Américo: «Cada Casa deve bastar-se a si mesma». A guerra não nos deixou. Estamos, agora, apertando os cordões dos sapatos para a longa caminhada. O trabalho racional e ordenado, não escraviza, liberta!

Padre Telmo

## Setúbal

CHEGUEI de quatro dias de descanso. Esta absoluta necessidade, contraria os ritmos e os hábitos diários, até que de novo se volte a eles. É uma escapatória que nos permite reabastecer as energias físicas e espirituais para depois, de novo, se voltar ao circuito da vida.

Reentrados na pista, rapidamente vemos a situação dos outros com quem participamos na corrida. Uma corrida em que a glória consiste em chegar à meta abraçado aos outros, para que todos saiam vitoriosos.

No regresso do descanso, é impossível que tudo esteja a cem por cento, ou seja, perfeito. Já antes de sair, assim acontecia. Na nossa vida há sempre um menos a fazer sobressair o mais que todos devem alcançar. É com o sinal da cruz que se marcam as vidas construídas em alicerces sólidos e indestrutíveis.

Desejo que haja sempre este contraste, sinal de verdade e autenticidade na vida.

Fundamos a nossa vida na sabedoria dos filhos de Abraão e não na sabedoria do mundo. O mundo está cheio de aparentes sucessos a que, depois de retirado o verniz, se descobre a hipocrisia em que se construíram. Nós não tiramos os olhos da meta, por isso não temos necessidade de camuflar a realidade com convenientes aparências.

Acreditamos no valor e capacidade dos rapazes. Se neles a fuga à responsabilidade encontra justificação na própria natureza humana, o espírito de sacrifício necessário para a vencer, dá-se-lhes a beber todos os dias nos acontecimentos quotidianos. A medida com que cada um o faz, dá-nos tranquilidade para sairmos e vivermos estes dias de descanso frutuoso, e a continuarmos a dar passos na nossa vida com convicção.

A nossa fé no homem, nasce na Fé do Criador. Se Ele não desiste da sua criatura e nos manda fazer do mesmo modo, é certeza de que a redenção continuará até ao fim a transformar os corações.

Padre Júlio

## Momentos

Continuação da página 1

Um homem de quase oitenta anos parte para Angola, para Malanje, ainda em busca do «tesouro escondido» no coração dos seus rapazes e da multidão infinda de famintos e doentes que o rodeiam e a ele recorrem como último e único amparo.

A sua vida é um forte aguilhão a espiçar esta Igreja instalada e esta sociedade apodrecida em vidas vazias!

Só a sua figura, emoldurada pelo exemplo, é um testemunho sem réplica!

Já não é da sua terra! Se ainda fosse, não seria lá profeta, mas, mesmo assim, ficou o desafio: — Quem é capaz de deixar a vida, como ele, e entregar-se a Deus nesta linha?

Como me impressionou o carinho com que todos o envolveram e a admiração manifestada pela sua pessoa!...

Antigos companheiros de escola e de trabalho, de catequese, acção social e pastoral, familiares e amigos — eram multi-

plares de gente sequiosa de o ver e cumprir. Para todos um aceno e um sorriso, e, para a maior parte, muitos abraços bem expressivos de afectividade.

No dia seguinte, celebrámos também noutra igreja paroquial de terra próxima, às 10,30 horas. A mesma fome de o contemplar! A igreja repleta de pessoas!... Sabemos que é tempo de férias e haverá, para alguns, mais disponibilidade! Na aldeia, porém, as pessoas têm sempre muito que fazer e só um motivo forte as arranca das lides diárias, à semana.

\*\*\*

Nestas andanças, verifiquei, com desgosto, que muitas casas, mais de um terço no total, estavam abandonadas, outras em ruínas. Algumas de certa dimensão, em pedra trabalhada, com seus adornos talhados, exibiam abastança e razoável cultura; diversas, também grandes, mas rebocadas e com cantarias e varandas em pedra, mais modestas, mas igualmente espaçosas numa desolação confrangedora, revelando com evidência que algo socialmente reprovável e errado passou por aquelas áreas.

As pessoas foram mesmo obrigadas a

emigrar e nunca mais voltaram à sua terra mãe. Nem sequer para passar férias ou matar saudades. A desertificação deu-se com a queda da agricultura artesanal e ausência de um plano económico industrial que absorvesse a mão-de-obra sobrando, respondendo às necessidades imediatas daquela pobre e grande gente que sem saber como, se viu sem horizontes de sobrevivência, na sua própria terra.

\*\*\*

Durante a Comunhão, na Missa do último Domingo, apercebi-me de uma discussão aguerrida entre os rapazes do penúltimo banco da frente.

Os meus olhos não chegaram para acalmar os ânimos e obriguei-me mesmo, naquele momento sagrado, a fazer *psiu!*

Após o almoço, que ocorre necessariamente a seguir à Celebração, quis saber o que se havia passado e a causa de tão forte burburinho.

Um dos rapazes relatou que tinham dado, por trás da cabeça, uma palmada no Alcides o qual, no banco imediato, tocava saxofone.

O rapaz deixou tudo, virou-se de repente para se vingar do atrevido. Os outros riram-se e o Alcides culpou o António Filipe que, sendo *fresco*, começou a refilar por não ter sido.

Uma guerra enorme naquele momento de paz!...

— Então, quem bateu no Alcides? — perguntei, duas vezes, no meio da assembleia expectante e silenciosa.

— Fui eu. — Disse o «Garnisé».

— Bem, não é o momento para brincar, mas como tiveste a coragem de, diante de todos, te acusares basta de castigo; e por teres vencido a dificuldade, mereces um elogio.

É assim que se faz: quando a gente cai no mal deve enfrentá-lo e não encobri-lo.

A atitude do «Garnisé», um rapazinho de 11 anos, põe a um canto, muita gente que se julga grande!

Padre Acílio

## DOCTRINA



Procure-se em tudo a Justiça, que o mais vem por acréscimo!

EU andava naquele tempo muito doente, não sabendo de onde me vinham tantos e tamanhos males. Corri aos médicos e achei que davam suas sentenças consoante suas cabeças, o que mais avolumava o meu mal-estar. Um dia, na Estação Nova de Coimbra, descobri por mim mesmo a razão dos meus sofrimentos. Foi o caso que uma pobre mulher, que me pedira para levar o seu filho e a quem eu dissera que não, aparece no momento, enquanto outras crianças embarcavam para Miranda do Corvo, com uma carta de alguém. A carta era falsa. A mulher mentia. Indignado, vociferei diante de toda a gente. Perdi as estribeiras. Fiquei muito humilhado e disse comigo mesmo: — Já sei o que tenho; é fígado!

ENTREI em casa e fui ver se tinha roupa suficiente. Às vezes sucede que não. Vivo no meio de ladrões, com muita honra. Fico sempre muito triste quando me vejo roubado por um dos meus; mas ele há sempre qualquer notícia que vem, nestes momentos, neutralizar a minha dor. Há dias, fiquei sem um par de sapatos e, quando saía de «A Vigorosa», onde fora comprar outros, dou com uma senhora muito desolada, a pedir preces por um neto que furtara de casa todas as jóias — «algumas do meu casamento, meu pai». De outra maré, andava eu muito aflito com um «rato» que trazíamos na Comunidade de Coimbra; faltavam pequenas coisas, todos os dias. Por esse tempo, falou comigo o director de um colégio aristocrata, a lastimar-se de que andava por lá um «rato», tendo já sido notada a falta de um anel de brilhantes e uma nota de cem. «Ele é de casa», disse. Estas notícias não nos alegram, mas são conforto. A gente fica a saber que por lá também há fadas.

TINHA roupa suficiente, sim senhor. A mala que eu tenho para viagens, foi mercada em Ceilão no ano de 1903. Tem visto muitas terras, feito muitas milhas, custado muitas gorjetas e é agora a recoveira do Gerês.

JULGAVA-ME um desconhecido no meio de desconhecidos, mas não foi assim. Dias depois da minha chegada, na sala de jantar do hotel onde me instalei, aproxima-se uma pequenina com um envelope em uma bandeja de prata — «é para si». Era o produto de uma subscrição que os hóspedes quiseram fazer a bem da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo; a do Porto ainda não existia. Paguei as despesas. Mandei donativos para outros Pobres como eu. E cheguei a Casa com muito dinheiro nas algibeiras.

NO segundo ano, que foi o derradeiro, as coisas correram muito melhor. Recebi donativos de gente de todas as condições, algumas muito valorosas, porque muito sacrificadas. E não satisfeitos com isso, realizaram para a Casa do Gaiato, agora também a do Porto, um leilão à americana, onde se colheu uma pancadaria de notas e de moedas; o que tudo bem apurado, deu para as despesas totais e um saldo de sete contos.

O. Amín 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

## Moçambique

Continuação da página 1

não é respeitada. Usam-na como seu ganha pão, é um meio de ganharem fortunas, enganando as pessoas sem cultura e desesperadas da vida, fazendo orações que nem existem na Bíblia.

Inventam orações dos empresários, orações dos milionários e orações dos pobres, para que não haja concorrência nas ofertas. Enquanto os *justos pastores* ficam mais ricos com as ofertas das enigmáticas orações, os crentes ficam mais pobres do que quando entraram na religião. O mundo sem Deus está ameaçado e não é este mundo que Deus quer e quis para nós. Por isso e pela intercessão de seu Filho, o Padre Américo criou a Obra da Rua que tem os seus seguidores, que fazem este trabalho com tanto amor e sofrimento».

Com consciência crítica, confronta o que ouviu e o que observa.

Padre José Maria

# Ecoss de Malanje

**P**ROMETI que, fundado na importância que tem em qualquer Casa do Gaiato a figura da Mãe de família, me debruçaria sobre o problema específico nesta Casa que verdadeiramente nunca a teve e, por isso, se faz sentir como ausência aflitiva.

Aqui, nesta Angola pejada de ausências aflitivas e nesta Malanje tão intensa e longamente sofrida, logo me apercebi, a primeira vez que a visitei após o nosso regresso, em meados dos anos noventa, que seria muito difícil a integração de uma mulher sozinha por muito corajosa que fosse; sozinha e sem uma preparação remota que a predispuesse para viver em terras do *terceiro mundo*. Estávamos então, por força da guerra, acomodados no Seminário Diocesano, que generosamente nos abriu as portas; e partilhávamos como era possível aquele espaço fraterno onde se estabeleceu também uma grande cozinha popular que mitigava a fome de uma multidão que ali acorria diariamente. Em pleno dia arriscávamo-nos a

vir à nossa Aldeia — e apesar de tudo, eram momentos de paz e de beleza que os reconfortavam.

No Seminário viviam ainda Irmãs Mercadárias que prestavam serviço docente e alguns cuidados domésticos, com quem muito conversámos. Nunca mais me encontrei com a Irmã Palácios, vão lá dez anos, mas não a esqueci. Ficou uma semente de *cumplicidade* para uma colaboração conosco a aguardar tempo propício para germinar.

Regressados à nossa Aldeia, três destas Irmãs vieram morar na casa erguida para o Fernando e a Emília onde nos nasceram os primeiros filhos. Uma delas era professora na nossa Escola. As outras cursavam, ao tempo, Escolas Médias na cidade. Era já uma colaboração e uma presença; mas foi, sobretudo, um tempo de maturação para uma convivência mais comprometida no sentido da germinação da semente que ficara da Irmã Palácios.

Conheci-as em 1999. A responsável da

pequena comunidade havia regressado, dias antes, de um descanso na sua Pátria, o Equador; e lá lhe fora proposta pela Superior Geral outra missão, dado que levava daqui a vivência de vários anos, com os riscos de um país em guerra e uma dureza de vida de alta intensidade. Me disseram então que ela respondera à sua Superiora que, «se viesse para o Gaiato, a sua vontade era voltar para Malanje». Aqui a encontrei e a conheci; e foi comigo uma esperança maior de que a sementinha que ficara da Irmã Palácios havia mesmo de germinar. A opção que a fez regressar a Malanje era o sinal de uma vocação de missionária. A experiência de todos estes anos, do ambiente, dos rapazes, das dificuldades, até de algumas desilusões, deram-lhe o *calo* preciso para uma Obra como a nossa. Tão simples quanto inteligente e arguta, ao olhá-la, vejo o alicerce *sine qua non* que Pai Américo pôs: «Sem Humildade, nada!»

A nova Superiora Geral esteve aqui há pouco e demorou-se um mês. Ainda ouço ecos do seu agrado dessa pequena comunidade em trabalho integrado neste nosso de «sermos Família para os que a não têm». A opção da Irmã Marlene e este apoio da sua Madre não-de dar força e formação às outras duas, mais jovens e menos experientes, para que as três sejam a Mãe destes rapazes que nunca provaram o sabor de a ter. Esperamos que sim. Rezamos para que sim.

N'O GAIATO de 10 de Julho, que só ontem chegou cá, Padre Telmo solta o desabafo que relembro: «Nunca como hoje, sinto a falta de uma senhora em nossa Casa (...) Falta um sorriso, um carinho de Mãe». E talvez até nem sejam os «Batatinhas» os mais carentes deste carinho. Diria mesmo que não são. Que a frágil qualidade de vida numa Casa «em que tudo é feito pelos rapazes» (tudo mesmo, exclusivamente por eles!), toca a todos e fá-los famintos de Mãe, nem que não tenham plena consciência de que é ela que lhes falta.

Três mulheres não são demais para Mãe de tantos filhos. Porém, se unidos pela mesma vontade nesta missão, enquadrada na missão mais ampla em que já estão reunidas, não são demais, mas chegam. Esperamos que sim. Rezamos para que sim.

**P.S.** — Havia terminado estas notas e fui ao quarto antes da Capela para a Missa dominical. Alguém bateu à porta. Era o Arménio, um «Batatinha» preocupado com as suas calcitas rotas, e pediu-me que lhas cosesse.

Padre Carlos

## PÃO DE VIDA

### Da sineta

**N**A vida quotidiana, a rotina pode ter um sentido pejorativo. Os deveres simples, que têm de ser realizados todos os dias, encontram outro significado se tomarmos como exemplo a vida de Nazaré. O relato desses anos é parco, mas constitui um desafio sobre o escoar do tempo, em que a vida humana não é um absurdo ou um aborrecimento.

O quotidiano pode parecer banal, na nossa comunidade. Jesus, judeu e *carpinteiro*, enche-o de sentido, ao viver a realidade do trabalho diário, sem constrangimento nem aversão.

O dia-a-dia, entre nós, não é monótono, mas cheio de imprevistos. Nesta família, há crescimento humano, visível também na estatura, e em graça, discreta, mas efectiva.

Os rapazes vão-se fazendo homens no fluir dos anos que vão passando, na experiência da sua própria vida, educados para a vivência e aceitação do *fardo* do quotidiano, em que descobrem a ligação com os outros e os vestígios da promessa a quem está vigilante: *Feliz o servo a quem o Senhor encontrar ocupado*.

Para regular o ritmo da nossa vida, há uma campânula metálica que marca o diário da Casa, desde o início.

O som dos sinos dos campanários é algo mais do que um meio de comunicação. Vão escasseando os tocadores de sinos e, nas aldeias, é pena que os vários sons estejam a ser substituídos por gravações.

Neste torrão, evangelizado pelos monges beneditinos, continua este sinal de equilíbrio do quotidiano. Do fundo do terreiro de Gamuz ecoam cadenciadas as badaladas do sino da torre, com as horas do dia.

A nossa sineta toca-nos mais de perto, como voz a alertar as consciências para as obrigações propostas desde o momento heróico de levantar a cabeça.

Os relógios pouco duram nos braços dos rapazes. O «Lampião», que guia o tractor, veio por um, para se orientar em Penafiel.

Como vivemos em comunidade, a exigência das horas no pulso esbate-se, pois é a sineta que comanda as horas da nossa vida. E sempre que ela toca, os rapazes deviam avançar para os actos comunitários e serviços.

Todos os dias, é necessário *fazer a copa*. Alguns encaram esta tarefa como enfadonha; contudo, o trabalho humilde dignifica a pessoa humana.

Nestes dias, temo-nos socorrido de uma sineta de bronze, do Ano jubilar 2000, com toque manual e instalada no belo átrio da casa-mãe. A primitiva sineta fez Pai Américo sorrir! A outra, colocada no campanário da Capela, às vezes deixa de tocar, pois as marteladas são accionadas electricamente.

Os toques distribuem-se, pelo crescendo do dia, desde o despertar até ao jantar. Não podemos viver sem este sinal, que chama ao Domingo para a festa, na qual o quotidiano se revela com sentido. *Sine Dominico non possumus*.

A sineta não é um instrumento de diversão, para provocar enganos. É um sinal seguro de confiança na mesa posta, todos os dias, e alerta para os trabalhos, que não escravizam, mas curam do tédio e do vazio.

Alguns dos rapazes que não se determinam com os toques da sineta, ao entrarem para o primeiro almoço, dizem que vieram da *casa*. Na verdade, não são filhos abandonados às vivências sombrias das ruas, mas vivem na sua Casa.

Quando o sol declina no horizonte e a tarde acalma, no Terço, junto ao cruzeiro ou na Capela, outra sineta, pela mão dos acólitos, dá *glória* a Deus.

A chegada dos mais novos, das férias à beira-mar, quebrou temporariamente a rotina e reinou mais alegria!

Perseverando no quotidiano, descobre-se o sentido da festa da vida simples, em que Deus se esconde e *continua* a fazer Homem.

Padre Manuel Mendes

## ENCONTROS EM LISBOA

# Disponibilidades

**O** Verão continua a sua marcha. Sendo especialmente quente, no dizer dos nossos miúdos, o mar associou-se e está excepcional. Tudo tem corrido bem. Espero que os nossos rapazes retemperem forças para o novo ano que aí vem.

Para que tudo corresse bem, muito temos a agradecer aos Amigos que nos deram esta oportunidade. Embora o Evangelho mande esconder da esquerda o que faz a direita, não posso deixar de lembrar um Amigo, de longa data, que este ano nos brindou com o aluguer de um autocarro, durante o mês de Julho, para que os mais pequenos não tivessem o trabalho de ter que ir apanhar o autocarro público e submeter-se aos seus horários. Assim, houve a possibilidade de adaptar os horários ao seu ritmo. Em nome de todos, o nosso muito obrigado.

Também o mês de Julho foi ajudado por duas voluntárias que dispuseram do seu tempo de férias para estar com os mais pequenos. Era ver o Diário sempre às cávali-

tas... e o Tuia a pedir também colo... Muito obrigado.

O mês de Agosto vai correndo com a ajuda de quatro jovens licenciadas que se preparam para partir para Moçambique em Missão, ligadas aos Leigos para o Desenvolvimento... Fizeram a rodagem das suas relações, dado que são de zonas muito diversas do País e irão viver durante um ano juntas. Também para elas o nosso muito obrigado pela disponibilidade e alegria de servir.

Um grupo de quatro vicentinos, já nossos conhecidos, quiseram dar uma mão. É sempre um encantamento ver como a disponibilidade para servir pode criar tanto entrosamento e camaradagem.

Tudo são sinais do amor de Deus. Para além do nosso muito obrigado, a todos apresentamos a Deus pedindo que o amor se expanda ao longo das suas vidas e assim encontrem a alegria própria do dom.

Padre Manuel Cristóvão

## BENGUELA

# Todo o povo é de Deus

**N**A hora em que escrevo está bem viva a lembrança da Festa grande da Ordenação de sacerdotes e diáconos na Diocese de Benguela. Foi no dia primeiro de Agosto. Receberam o sacramento da Ordem, segundo do seu grau, 16 presbíteros e 10 diáconos.

Não quero nem posso calar a celebração de tão grande acontecimento pelas ressonâncias sociais que pode e deve ter. São homens destinados ao serviço do povo. Claro, quanto mais homens de Deus, mais homens dos homens são. A vida consagrada não pode ter outra leitura. Ai dela! Seria uma loucura. Não teria sentido, nem aos olhos das pessoas, nem aos olhos de Deus.

Ao pensar desta maneira, estou a olhar para as multidões, concretamente em Angola, como ovelhas sem pastor, com todo o tipo de fomes, qual delas a mais aflitiva. Estão à espera de quem lhes dê a vida, com a abundância de bens que a Palavra comporta. Quem não tem nada, precisa de tudo. É aqui, na encruzilhada do vazio, que aparece o guia, o pastor, o diácono e o padre com o coração do povo a bater na sua pessoa. Doutra modo, seria um segregado à procura dum estatuto social que nada tem a ver com a comunidade para a qual é e foi destinado.

Por isso, a minha alegria nasce da esperança de ver o povo de Deus, todo o povo é de Deus, mais feliz, porque mais acompanhado; mais seguro nas inseguranças que espreitam em cada canto das suas vidas. De repente, vem a mãe aflita, porque o marido desapareceu.

Não tem a quem recorrer para salvar o seu filho com ataques epilépticos. O «mato», mais os remédios naturais, têm a solução: — Toma e vai! Outra, com a ameaça de suicídio, porque o seu filho é rebelde e não sabe o que fazer, porque alguém quer pô-la na rua. Esta mulher precisa, antes de mais, da palavra diferente das que tem ouvido doutros homens que querem explorá-la e enterrá-la no abismo da miséria. Foi-se e não vai abandonar o filho. Os diáconos e os padres sejam homens iguais, mas diferentes.

No contexto da ordenação dos diáconos, há uma referência explícita e inequívoca à origem do diaconado, como ponto de partida: o serviço dos Pobres, com os nomes que podem ter. Por isso, no horizonte da vida destes jovens, em lugar privilegiado, vejo o serviço da porção mais querida do povo de Deus. O que se passou no morro da Senhora da Graça está destinado a ser um acontecimento de salvação para todo o povo, na medida em que a pessoa de cada um manifestar pela palavra e pelo exemplo o que foi e é a pessoa de Jesus Cristo. Creio que esta é a única forma de presença verdadeira do mensageiro da Boa Nova. O contrário é escândalo.

A propósito, muitas vezes sou questionado acerca do número de padres saídos dos rapazes criados nas Casas do Gaiato. O lema da Obra da Rua é ajudar cada rapaz a ser um homem. Sem dúvida, primeiro sejam bons pais de família. Tudo o mais virá por acréscimo e está nas mãos do Autor de todos os dons, entre os quais a vocação ao sacerdócio. Se, até este momento, nenhum rapaz ouviu ou aceitou a proposta, que impede, no futuro, venha a acontecer?

Antes de subir ao escritório para me sentar a escrever estas notas, fui surpreendido pela visita do Paulo Virgílio, rapaz antigo, mas não velho, de passagem por Angola e Benguela, vindo de Portugal. Recebi o abraço dele, do Carlos Alberto e doutros mais. Obrigado!

Padre Manuel António